

# GUERRA DAS MALVINAS: ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DE PORTA-AVIÕES COMO FERRAMENTA DE PROJEÇÃO DE PODER<sup>1</sup>

Carlos Alberto Dias Neto<sup>2</sup>  
José Francisco Braun<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como os porta-aviões britânicos influenciaram o desfecho da Guerra das Malvinas, ocorrida em 1982, conflito travado entre a Argentina e o Reino Unido pela posse das Ilhas Malvinas. A investigação foca na relevância estratégica dos porta-aviões para o domínio do espaço aéreo e naval naquele conflito, tendo sido elemento decisivo para a definição do resultado do embate. Para alcançar esse objetivo, foram analisados aspectos como a composição das forças aéreas e navais envolvidas, a retirada do porta-aviões argentino ARA (Armada Argentina) Veinticinco de Mayo e seu impacto na perda da iniciativa argentina, além do papel dos porta-aviões britânicos HMS (*Her Majesty's Ship*) Hermes e HMS Invincible na manutenção da superioridade aérea e na condução das operações. A metodologia adotada será uma análise documental e bibliográfica, utilizando fontes históricas e análises militares para compreender a importância desses meios no contexto de projeção de poder ao longo do tempo, chegando à análise do seu impacto neste conflito específico. Os resultados apontam que a presença dos porta-aviões permitiu ao Reino Unido projetar poder de forma eficaz sobre o teatro de operações, garantindo suporte aéreo contínuo às suas tropas e comprometendo a capacidade de resposta argentina. Constatou-se que a ausência de vetores aéreos operando embarcados por parte da Argentina, após a retirada de seu único porta-aviões, foi determinante para a derrota militar. Conclui-se que os porta-aviões foram fundamentais para assegurar a vitória britânica como meios estratégicos de alta relevância e de projeção de poder. As lições aprendidas a partir deste conflito podem ser aplicadas à análise de cenários futuros, especialmente em contextos que envolvam disputa por território ou controle de zonas marítimas.

Palavras-chave: porta-aviões; Guerra das Malvinas; projeção de poder; superioridade aérea; operações militares.

---

<sup>1</sup> Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

<sup>2</sup> Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma *Ártemis*, 2025).

<sup>3</sup> Coronel Aviador da reserva da Força Aérea Brasileira. Piloto Operacional na Aviação de Transporte e na Aviação de Patrulha, Mestre em Informática pela UFRJ. Pós-graduado em Análise e Projeto de Sistemas e em Gerência de Projetos de Software pela PUC-RJ. Pós-graduado em Gestão Administrativa pela UFF. braunjfb@fab.mil.br.

## ABSTRACT

This article aims to analyze how British aircraft carriers influenced the outcome of the Falklands War, which occurred in 1982, a conflict fought between Argentina and the United Kingdom over the possession of the Falkland Islands. The investigation focuses on the strategic relevance of aircraft carriers for control of the air and naval space during that conflict, having been a decisive element in determining the result of the confrontation. To achieve this objective, aspects such as the composition of the air and naval forces involved, the withdrawal of the Argentine aircraft carrier ARA (Armada Argentina) Veinticinco de Mayo and its impact on the loss of Argentine initiative, as well as the role of the British aircraft carriers HMS (Her Majesty's Ship) Hermes and Invincible in maintaining air superiority and conducting operations, will be analyzed. The methodology adopted will be documentary and bibliographic analysis, using historical sources and military analyses to understand the importance of these assets in the context of power projection over time, culminating in the analysis of their impact in this specific conflict. The results indicate that the presence of aircraft carriers enabled the United Kingdom to effectively project power over the theater of operations, ensuring continuous air support to its troops and compromising Argentina's response capability. It was found that the absence of shipborne air vectors on the part of Argentina, following the withdrawal of its only aircraft carrier, was decisive for the military defeat. It is concluded that aircraft carriers were fundamental to securing the British victory as highly relevant strategic means of power projection. The lessons learned from this conflict can be applied to the analysis of future scenarios, especially in contexts involving territorial disputes or the control of maritime zones.

**Keywords:** aircraft carrier; Falklands War; power projection; air superiority; military operations.

## INTRODUÇÃO

A temática da guerra figura entre as questões mais cruciais para o Estado, uma vez que, conforme observa Clausewitz (2023), a guerra é a continuação da política por outros meios e, portanto, constitui instrumento legítimo dos interesses estatais. Na China do século VI a.C., o general Sun Tzu (2013) compilou princípios fundamentais para o êxito nas campanhas militares, destacando a guerra como o fator decisivo para o sucesso ou ruína de um Estado, devendo ser examinada com atenção antes de ser buscada.

Com o avanço tecnológico e o advento da aviação no século XX, surgiram novas doutrinas de guerra. O General italiano Giulio Douhet em 1921 na sua obra clássica “O Domínio do Ar” já vislumbrava a superioridade aérea como elemento crucial para obter sucesso nas operações militares (Galante, 2010) enquanto no mesmo momento histórico o General americano Billy Mitchell defendia a superioridade do avião sobre os meios de guerra navais e terrestres (Kee, 1999).

Nesse contexto de evolução da guerra aérea, o porta-aviões se destaca como um elemento essencial na projeção de poder das nações, permitindo o deslocamento de forças aéreas diretamente para o campo de batalha, independentemente de sua localização (Bueno, 2024). Como descreve Harismedy (2014), essa estratégia foi utilizada em diversos conflitos, como a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã e a Guerra das Malvinas, sendo esta última guerra o foco e objeto de análise deste artigo.

Embora nossas Forças Armadas não contem mais com porta-aviões desde a desativação do Navio Aeródromo (NAE) São Paulo em 2017 (Galante, 2017), é plausível considerar que o Brasil possa, em um cenário futuro, enfrentar a necessidade de se defender de um oponente que possua esses meios, portanto, o emprego de porta-aviões como instrumento de projeção de poder reveste-se de grande relevância para a Força Aérea Brasileira.

Este cenário hipotético de conflito futuro colocando nosso país em uma situação defensiva contra um oponente que disponha de porta-aviões ofensivos gerou uma inquietação neste autor. Buscou-se então melhor compreender o efeito desta arma a partir de uma experiência real, a Guerra das Malvinas ocorrida entre o Reino Unido e a Argentina em 1982 (Posey, 2002), gerando a seguinte pergunta de pesquisa a ser respondida: **“Como os porta-aviões britânicos influenciaram o desfecho da Guerra das Malvinas?”** A investigação busca compreender o papel desses meios de combate, especialmente na manutenção da superioridade aérea e naval, elementos decisivos para o resultado do conflito.

A pesquisa propõe como objetivo geral analisar como os porta-aviões britânicos influenciaram o desfecho da Guerra das Malvinas, conflito ocorrido em 1982 entre Argentina e Reino Unido.

Para atingir o objetivo geral, foram estabelecidos como objetivos específicos: compreender, primeiramente, a composição das forças de combate navais e aéreas envolvidas no conflito; passando a examinar a retirada do porta-aviões argentino ARA Veinticinco de Mayo e seu impacto na perda da iniciativa aérea e naval por parte da Argentina; para, em seguida, investigar a capacidade de controle do espaço aéreo das forças envolvidas no teatro de operações e comparar o poder de combate aéreo das forças beligerantes.

Uma vez que sejam atingidos os objetivos específicos, será atingido o objetivo geral estabelecido e a partir dele obter-se-á a resposta para a pergunta de pesquisa proposta. O conhecimento adquirido permitirá identificar lições aprendidas com o conflito analisado e temas para trabalhos futuros.

## 2 MÉTODOS DE ANÁLISE

Este estudo utilizará uma abordagem qualitativa e descritiva, com ênfase na pesquisa bibliográfica e documental (Kirsch; Lemes, 2019). Além disso, serão exploradas as teorias da projeção de poder naval e da superioridade aérea como base teórica para análise a partir dos conceitos desenvolvidos por Giulio Douhet (Galante, 2010) e Billy Mitchell (Kee, 1999).

A pesquisa documental se baseará na análise de documentos oficiais relacionados às operações navais e aéreas das forças britânicas e argentinas, como as citadas por Alexandre Galante (2022), além de relatórios sobre o papel dos porta-aviões no resultado do conflito apresentados por Thiago Vinholes (2022). A análise comparativa será utilizada para examinar as capacidades aéreas (Dildy; Calcaterra, 2017) e as limitações dos porta-aviões envolvidos no conflito, com destaque para o impacto estratégico da retirada do porta-aviões ARA Veinticinco de Mayo (Galante, 2022) do teatro de operações.

Os dados coletados serão organizados em categorias, como capacidade de combate aéreo, controle do espaço aéreo e efeitos da projeção de poder naval. Essas categorias serão analisadas à luz de teorias de guerra aérea e naval, visando identificar os fatores que determinaram a influência dos porta-aviões no desfecho do conflito.

### 3 DESENVOLVIMENTO

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Conforme foi descrito por Renan Lima (2019), a Guerra das Malvinas foi um confronto entre a Argentina e o Reino Unido ocorrido em 1982 pela disputa das Ilhas Malvinas. Ainda segundo este autor, o embate deve-se à proximidade das ilhas com a Argentina, que considera o território do arquipélago como parte de sua herança após a independência da Espanha; e o Reino Unido, por outro lado, alega ter descoberto as ilhas durante as expedições de Lord Falkland, não reconhecendo a posse argentina.

Em 1833, os britânicos estabeleceram uma colônia no local, motivados pelo interesse em controlar o comércio de navios que cruzavam o estreito de Magalhães (Lima, 2019). Ainda segundo o autor, a Argentina tentou diversos processos diplomáticos para recuperar a posse das ilhas, até que, em 2 de abril de 1982, invadiu o arquipélago, marcando o início da guerra.

Como lembra Galante (2022) as Ilhas Malvinas ficam a mais de 12.000 quilômetros do Reino Unido, a mais de 6.300 quilômetros da Ilha de Ascensão (território britânico) e a aproximadamente 500 quilômetros do continente argentino, logo, o cenário da guerra foi um cenário de guerra naval com desembarque anfíbio de forças terrestres britânicas para tomada das ilhas.

Em vista do cenário físico do teatro de operações, da Guerra das Malvinas, os porta-aviões desempenharam um papel crucial para ambas as partes envolvidas no conflito (Posey, 2002).

Conforme destacado por Carl Posey (2002), a Marinha Real Britânica ciente da possibilidade de invasão argentina, cancelou a venda de seus dois porta-aviões, o HMS Hermes e o HMS Invincible, para utilizar como plataformas centrais de suas operações aéreas, apoiados por destroieres, fragatas, navios petroleiros e de suprimentos. Os porta-aviões permitiram o lançamento e recuperação de aeronaves de combate Harrier, que desempenharam funções vitais de defesa aérea e apoio aproximado às forças terrestres (Posey, 2002).

Sharkey Ward (1992) também destacou a importância dos porta-aviões britânicos HMS Hermes e HMS Invincible na condução das operações aéreas, apontando como esses navios foram fundamentais para a projeção de poder e para o sucesso das missões de combate aéreo britânicas. A capacidade de operar longe do continente britânico deu ao Reino Unido uma vantagem estratégica significativa, permitindo manter uma presença aérea constante sobre as ilhas (Vinholes, 2022).

Por outro lado, como descreve Galante (2022), a Argentina também utilizou seu

porta-aviões, o ARA Veinticinco de Mayo, embora com menor eficácia devido a limitações técnicas e operacionais. Ainda segundo este autor, ele foi utilizado nas investidas iniciais, aumentando, neste momento, as chances de vitória da Argentina no conflito.

Após o cruzador argentino ARA General Belgrano, naufragar no dia 2 de maio de 1982, depois de ter sido atacado por um submarino, e de uma tentativa de ataque frustrada a partir do ARA Veinticinco de Mayo, a Argentina retira seu porta-aviões das Ilhas Malvinas, o que foi um fator decisivo para a vitória final das forças britânicas, contribuindo para a superioridade aérea britânica, mesmo contra a poderosa Força Aérea Argentina (FAA) (Galante, 2024).

### 3.2 ESTRUTURA DAS FORÇAS DE COMBATE EM CONFRONTO

Para compreender o papel específico dos porta-aviões no conflito das Malvinas torna-se necessário um levantamento mais amplo dos principais meios de combate envolvidos.

Trata este tópico apresenta um levantamento dos meios aéreos e navais empregados pelo Reino Unido e pela Argentina cujas capacidades e impactos no conflito serão abordadas na sequência do trabalho.

#### 3.2.1 Composição das forças britânicas

##### 3.2.1.1 *Poder naval britânico na guerra*

A composição da força-tarefa britânica, reunida sob o comando do Almirante John "Sandy" Woodward, incluía dois porta-aviões (HMS Hermes e HMS Invincible), que formavam o núcleo das operações navais e aéreas britânicas (Galante, 2016). Esses navios foram acompanhados por destróieres Type 42, como o HMS Sheffield e HMS Coventry, armados com mísseis Sea Dart para defesa aérea de média altitude, além de fragatas das classes Leander, Rothesay, Type 21 e Type 22, dotadas de sistemas de defesa aérea de curto alcance e baixa altitude Sea Wolf e Sea Cat (Galante, 2022). A frota também contou com submarinos nucleares, como o HMS Conqueror (Galante, 2024). A presença de navios auxiliares, navios de desembarque e o uso logístico da Ilha de Ascensão demonstraram o elevado grau de planejamento e sustentação logística da operação britânica, que percorreu cerca de 12.000 quilômetros para projetar poder no Atlântico Sul (Marimón, 2019).



**Figura 1** força-tarefa britânica.

Fonte: Galante (2022)

### 3.2.1.2 Poder aéreo britânico na guerra

O poder aéreo do Reino Unido no conflito foi representado pela força de bombardeiros estratégicos Vulcan cuja atuação é descrita pela organização “Vulcan to the sky” (2022) os quais realizaram bombardeios sobre as ilhas Malvinas com voos de longa duração a partir de território britânico na ilha de Ascensão distantes 6.300 quilômetros das Malvinas e pela força naval embarcada composta por helicópteros Sea King, Wasp e Wessex para operações antissubmarino e

desembarque de tropas e, ainda, por aeronaves de caça Harrier que operaram a partir dos porta-aviões britânicos no teatro de operações (Naval History Homepage, 2013).

No contexto desta pesquisa, enfocaremos apenas o impacto das aeronaves de caça no teatro de operações, pois este é o fator que diferencia uma força naval possuidora de porta-aviões de outras forças navais que podem operar apenas helicópteros a partir de cruzadores, fragatas e destroieres.

**Tabela 1** Aeronaves de asa fixa britânicas empregadas nas Malvinas

<b>Tipo</b>	<b>Vindos com a Força-tarefa</b>	<b>Atlantic Conveyor e Atlantic Causeway</b>	<b>Vindos da base em ascensão</b>	<b>Total</b>
Sea Harrier FRS1 (RN)	20	-	-	20
Harrier GR-3 (RAF) <sup>1</sup>	-	14	4	18
Vulcan B.Mk2 <sup>2</sup>	-	-	6	6
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>14</b>	<b>10</b>	<b>44</b>

<sup>1</sup>Quatro Harrier da RAF voaram de Ascensão às Malvinas reabastecidos em voo e passaram a operar dos porta-aviões britânicos

<sup>2</sup> Os Vulcan da RAF operaram as missões Black Buck reabastecidos pelos Handley Page Victor K2.

Fonte: Marimón (2019).

### 3.2.2 Composição das forças argentinas

#### 3.2.2.1 Poder naval argentino na guerra

No início da Guerra das Malvinas, a Armada da Argentina dispunha de uma frota composta por alguns navios modernos e outros já obsoletos. Seu principal ativo era o porta-aviões ARA Veinticinco de Mayo, da classe Colossus, com capacidade para operar jatos de caça e ataque A-4Q Skyhawk, aeronaves de reconhecimento e guerra antissubmarino S-2 Tracker e helicópteros SH-3 Sea King para reconhecimento e guerra antissubmarino. Também haviam sido adquiridos 14 jatos de ataque naval Super Étendard armados com mísseis anti-navio AM-39 Exocet, ambos de fabricação francesa, dos quais, devido ao embargo francês, apenas cinco unidades de cada foram entregues (Galante, 2022).

A escolta do porta-aviões incluía dois modernos destróieres Type 42 (Hércules e Santísima Trinidad) armados com mísseis antiaéreos Sea Dart e antinavio Exocet MM-38, além de quatro destróieres das classes Allen M. Sumner e Gearing, também equipados com Exocet (Galante, 2022). O cruzador ARA General Belgrano, com artilharia de grande calibre, foi afundado nos primeiros dias de combate, afetando a ofensiva naval argentina (Galante, 2024).

Completavam a frota três corvetas classe Drummond, armadas com mísseis antinavio, e dois submarinos Guppy II, sendo um operacional (ARA Santa Fe) e dois Type 209, dos quais apenas o ARA San Luis entrou em ação, enfrentando falhas técnicas. Embora numerosa, a força naval argentina sofria com limitações técnicas e logísticas, além da dependência de bases continentais, o que comprometeu seu desempenho no teatro de operações (Galante, 2022).

#### *3.2.2.2 Poder aéreo argentino na guerra*

A Força Aérea Argentina (FAA) mobilizou cerca de 200 aeronaves de combate durante a Guerra das Malvinas, entre elas: 19 Mirage IIIEA, 26 Dagger, 68 A-4 Skyhawk, 9 bombardeiros Canberra e 45 turboélices IA-58 Pucará (Galante, 2016). Essas aeronaves foram redistribuídas para bases no sul do país, como Rio Gallegos, San Julián, Trelew e Rio Grande (Marimón, 2019).

Apesar das limitações técnicas e logísticas, como a ausência de sistemas de navegação, radares e capacidade plena de reabastecimento em voo, os pilotos argentinos realizaram centenas de surtidas contra alvos navais britânicos. O esforço resultou no afundamento de sete navios britânicos e na avaria de cerca de vinte outros, incluindo destróieres, fragatas e navios de apoio (Galante, 2016).

### **3.3 O EFEITO ESTRATÉGICO DA RETIRADA DO ARA VEINTICINCO DE MAYO**

A literatura sobre a Guerra das Malvinas também destaca a retirada do ARA Veinticinco de Mayo como um ponto de virada para a Argentina. Galante (2022) e Posey (2002) enfatizam que a perda da capacidade de projeção aérea argentina após a retirada desse porta-aviões foi um dos fatores que contribuíram para a derrota final.

Foi realizada em 02 de maio de 1982 uma missão capitaneada pelo ARA Veinticinco de Mayo com o objetivo de lançar um ataque contra a força britânica conforme descrito por Javier Sánchez (1995). O autor relata que o ataque seria realizado por caças argentinos A-4 Skyhawk embarcados contra a força localizada pelos S-2 Tracker de reconhecimento previamente lançados pelo porta-aviões, porém ocorreram problemas técnicos no porta-aviões que impediram o lançamento no momento oportuno e a força argentina foi detectada por um caça Harrier britânico em missão de patrulha de reconhecimento eliminando o fator surpresa e forçando uma retirada argentina. Este evento demonstra o efeito estratégico da presença das aeronaves embarcadas nos porta-aviões britânicos em um momento que poderia ter decidido o rumo da guerra a favor da Argentina, como foi citado por Galante (2022).

A Força Aérea Argentina (FAA) não foi concebida para conduzir operações marítimas de longo alcance. A capacidade de combate aeronaval da Argentina dependia do porta-aviões, que, após o afundamento do cruzador General Belgrano, foi retirado da área de operações. Com isso, as forças argentinas passaram a operar exclusivamente a partir do continente, o que impôs severas limitações às ações dos caças devido à grande distância até as ilhas e à ausência de capacidade de reabastecimento em voo. Esses fatores contribuíram significativamente para que a Argentina não alcançasse a superioridade aérea sobre as Malvinas (Marimón, 2019).

### 3.4 DOMÍNIO DO ESPAÇO AÉREO: A SUPREMACIA COMO VETOR DE VITÓRIA

O domínio do espaço aéreo em um teatro de operações é um fator estratégico determinante para o êxito de campanhas militares. Segundo a doutrina norte-americana da Força Aérea, o conceito de *control of the air* refere-se ao grau de influência exercido por uma força aérea sobre seu oponente, situando-se em um espectro que vai desde a paridade (em que nenhum dos lados possui controle efetivo) até a supremacia aérea, passando pelo estágio intermediário de superioridade aérea. Esse nível de controle é essencial para o sucesso de operações conjuntas como ataques estratégicos, interdições e apoio aéreo aproximado (UNITED STATES, 2023).

A doutrina de Giulio Douhet, expressa em sua obra *O Domínio do Ar*, de 1921, já enfatizava que o controle do espaço aéreo é um elemento decisivo para o sucesso em operações militares (Galante, 2010). Embora Douhet não se referisse diretamente aos porta-aviões, sua defesa intransigente da superioridade aérea abriu caminho para o entendimento posterior de que tais meios navais seriam essenciais para assegurar essa soberania em teatros de operações afastados do

território nacional. Essa concepção foi posteriormente corroborada por autores como Sharkey Ward (1992), que evidenciou o papel central dos porta-aviões britânicos no êxito das operações aéreas durante a Guerra das Malvinas, e Billy Mitchell (Kee, 1999), que sustentava que o poder aéreo deveria prevalecer sobre as demais formas de combate, inclusive no domínio marítimo.

A superioridade aérea britânica na Guerra das Malvinas esteve diretamente associada à presença e à operacionalidade dos porta-aviões HMS Hermes e HMS Invincible, que serviram como plataformas móveis para o lançamento e recuperação das aeronaves Sea Harrier (Posey, 2002). Esses vetores, ao operarem nas proximidades do teatro de operações, eram capazes de realizar patrulhas aéreas de combate (PAC) com duração de 40 a 60 minutos, garantindo cobertura constante sobre as ilhas, o que representava uma vantagem substancial em relação às aeronaves argentinas, cujo tempo de permanência sobre o alvo era drasticamente limitado pela distância e pela falta de reabastecimento em voo (Marimón, 2019). Além disso, os Sea Harrier operavam mais leves, dedicados exclusivamente à proteção da frota, e contavam com radares multimodo e mísseis AIM-9L de última geração, características que consolidaram sua superioridade técnica sobre os caças inimigos. Como destaca o autor, a não destruição dos porta-aviões britânicos por parte da Argentina foi um fator crucial para que o Reino Unido mantivesse o domínio aéreo necessário à realização do desembarque e das operações terrestres subsequentes, evidenciando que a manutenção dessas unidades navais foi determinante para o sucesso da campanha militar (Marimón, 2019).

### 3.5 POTÊNCIA AÉREA EM PERSPECTIVA: UM COMPARATIVO DAS CAPACIDADES DE COMBATE

Serão abordadas neste tópico, apenas informações referentes às aeronaves de combate de asa fixa (aviões) utilizadas no conflito, pois esse tipo de aeronave constitui o diferencial de uma força possuidora de porta-aviões de uma que não disponha de tais meios uma vez que helicópteros podem ser empregados a partir de outros meios navais como cruzadores, fragatas e destróieres.

A comparação entre os poderes aéreos do Reino Unido e da Argentina durante a Guerra das Malvinas evidencia um embate assimétrico entre quantidade e tecnologia. Como já citado anteriormente, a Argentina mobilizou cerca de 200 aeronaves de combate, entre elas caças Mirage IIIEA, Dagger e A-4 Skyhawk, o bombardeiro Canberra e as aeronave de ataque leve IA-58 Pucará (Galante, 2016), operando a partir de bases no sul do país, como Rio Gallegos, San Julián e Rio Grande (Marimón, 2019).

Reis (2024) relatou que as aeronaves Pucará, por serem turboélices de decolagem curta foram destacados para operar nas ilhas Malvinas em apoio às forças terrestres argentinas. Cita ainda que obtiveram uma única vitória contra um helicóptero britânico e que nenhuma destas aeronaves (em torno de 24) que foram enviadas para as Malvinas retornaram da Guerra.

Duca (2005), relata a operação das aeronaves Canberra na Guerra da Malvinas e descreve seu uso em bombardeios de grande altitude utilizando armamento sem precisão contra alvos terrestres nas ilhas. O autor cita que pelo menos duas destas aeronaves foram abatidas pelos britânicos e que sua operação ao longo da guerra teve pouco impacto no resultado dos combates pela posse das ilhas.

No campo da aviação naval, seu principal ativo era o porta-aviões ARA Veinticinco de Mayo, escoltado por destroyers Type 42 equipados com mísseis antiaéreos Sea Dart e antinavio Exocet MM-38, além de fragatas e corvetas armadas com mísseis antinavio (Galante, 2022). Embora numerosa, a frota argentina sofria com limitações técnicas, como a obsolescência de parte dos meios, falhas operacionais em submarinos e a dependência de bases continentais (Galante, 2024).

Como descreve Sánchez (2012) operavam a bordo do porta-aviões ARA Veinticinco de Mayo no início da Guerra das Malvinas aeronaves de caça e ataque A-4 Skyhawk e aeronaves de reconhecimento e guerra antissubmarino S-2 Tracker sendo as demais aeronaves operadas a partir de bases no continente sul-americano (Galante, 2022).

Em contraste, o Reino Unido, apesar de dispor de número significativamente menor de aeronaves, apenas 44 de asa fixa, incluindo Sea Harrier FRS.1 e Harrier GR.3 (Galante, 2016), compensava com superioridade tecnológica. Os Sea Harrier operavam a partir dos porta-aviões HMS Hermes e HMS Invincible, eram equipados com radar Blue Fox e mísseis AIM-9L Sidewinder de última geração, além de elevada capacidade de manobra e decolagem vertical (Galante, 2022).

Nos primeiros dias do conflito, em 1º de maio de 1982, como descrito por Huber (1995), após um ataque britânico às forças argentinas nas ilhas, a Força Aérea Argentina reagiu com um ataque de caças contra a força naval britânica e o resultado foi a perda de três aeronaves em combate contra os caças Harrier britânicos. Segundo o autor, após este resultado ficou clara a inferioridade técnica dos meios aéreos argentinos contra o seu adversário, o que provocou a mudança de estratégia das forças argentinas que passaram a evitar confrontos de caças.

Durante o conflito, essas aeronaves realizaram aproximadamente 1.500 surtidas, com taxa de operacionalidade de 98%, e impuseram pesadas perdas às forças aéreas argentinas (Galante, 2022). O desempenho britânico também foi favorecido pela logística estruturada via Ilha de Ascensão, pelo uso integrado de bombardeiros Vulcan com mísseis antirradar Shrike, e pela doutrina operacional disciplinada de seus pilotos (Marimón, 2019).

**Tabela 2** Comparação entre as forças

<b>Tipo</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>Argentina</b>
Porta-aviões	2 (HMS Hermes e HMS Invincible - classe Invincible)	1 (ARA Veinticinco de Mayo – classe Colossus)-
Aeronaves embarcadas	Sea Harrier FRS.1 (20 unidades)	A-4Q Skyhawk, S-2 Tracker e SH-3 Sea King, Super Étendard
Força Aérea	44 aeronaves de asa fixa (Sea Harrier, Harrier GR-3, Vulcan B.Mk2)	Cerca de 200 aeronaves: Mirage IIIEA, Dagger, A-4 Skyhawk, Canberra, IA-58 Pucará
Capacidade aérea	Aviões com radar e mísseis modernos (Sidewinder AIM-9L); emprego embarcado	Sem radar embarcado; poucas aeronaves com mísseis guiados; sem reabastecimento em voo
Mísseis antinavio	Ausência de mísseis antinavio lançados por aeronaves	Mísseis Exocet AM-39 (apenas 5 entregues); MM-38 embarcados em destroieres

Fonte: Adaptado de Galante (2016,2022, 2024), Marimón (2019) e Sánchez (2012).



**Figura 2** Bases, distâncias aproximadas e área de operação da força-tarefa britânica.

Fonte: Marimón (2019)

**Tabela 2** Aeronaves de combate de asa fixa operadas pela Argentina, bases e distâncias de Stanley<sup>1</sup>

<b>Aeronaves</b>	<b>Rio Grande (700km)</b>	<b>Rio Gallegos (780km)</b>	<b>San Julián (750km)</b>	<b>Comodoro Ridavia<sup>2</sup> (960km)</b>	<b>Trelew (1.090km)</b>	<b>Total</b>
Super Étendard	4	-	-	-	-	4
Dagger	10	-	10	-	-	20
Mirage III	-	10	-	7	-	17
Skyhawk A-4 (B/C)	8	24	15	-	-	47
Canberra Mk 62	-	-	-	-	8	8
IA-58 Pucará	-	-	-	20	-	20
<b>TOTAL</b>	<b>22</b>	<b>34</b>	<b>25</b>	<b>27</b>	<b>8</b>	<b>116</b>

<sup>1</sup> Distância calculada pela ferramenta Google Maps

<sup>2</sup> Sede do Comando da FAS

Fonte: Marimón (2019).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico é realizada, pelo autor deste artigo, uma análise das informações coletadas ao longo do trabalho de pesquisa a fim de se chegar a conclusões que permitam responder à pergunta de pesquisa proposta.

Inicialmente observa-se que os meios navais e aéreos da Argentina eram superiores aos meios navais deslocados pelo Reino Unido para a campanha militar, porém, eram inferiores em tecnologia.

Esta defasagem tecnológica levou o comando argentino a retirar das operações o seu principal meio aeronaval, o seu porta-aviões.

A Argentina, ao retirar o ARA Veinticinco de Mayo, perdeu sua principal capacidade de combate aéreo embarcado, comprometendo sua ofensiva naval e deixando suas forças vulneráveis à ação britânica. A ausência de um segundo vetor estratégico, além do seu porta-aviões, comprometeu a iniciativa argentina no conflito e influenciou diretamente no resultado da guerra.

Por outro lado, o Reino Unido, ao manter seus dois porta-aviões operacionais, HMS Hermes e HMS Invincible, conseguiu assegurar superioridade aérea no teatro de operações, garantir suporte logístico e aéreo contínuo às suas forças em terra e limitar a atuação da aviação argentina.

Neste contexto, de guerra aérea, constatou-se que as aeronaves de combate britânicas eram inferiores em quantidade, mas muito superiores tecnologicamente e constatou-se que, sem a presença delas, ou seja, sem a presença dos porta-aviões HMS Hermes e HMS Invincible no teatro de operações, a Argentina, mesmo com meios aéreos defasados tecnologicamente, teria a superioridade aérea e liberdade de ação no teatro de operações o que implicaria diretamente no volume de ataques à força naval britânica que contaria apenas com suas defesas de mísseis para autodefesa.

Os parágrafos acima resumizam os objetivos específicos desta pesquisa e conduzem à consecução do objetivo geral da pesquisa e, conseqüentemente, é possível que seja respondida a pergunta de pesquisa proposta: **“Como os porta-aviões britânicos influenciaram o desfecho da Guerra das Malvinas?”**.

Os porta-aviões britânicos influenciaram o desfecho da Guerra da Malvinas ao proporcionarem os meios de combate para que a força naval do Reino Unido obtivesse a superioridade aérea no teatro de operações e mantivesse a armada argentina em uma posição

defensiva podendo o Reino Unido realizar as operações aeronavais de retomada das ilhas sem uma oposição decisiva da Força Aérea Argentina.

Portanto, conclui-se que os porta-aviões britânicos foram determinantes para o desfecho da guerra e constituíram meios estratégicos de alta relevância. A experiência da Guerra das Malvinas oferece lições valiosas para futuras situações de disputa por soberania, especialmente em territórios insulares ou de difícil acesso logístico. A contínua atualização e capacitação das forças armadas, com investimentos em meios navais de projeção de poder, como os porta-aviões, deve ser considerada por nações que desejam manter capacidade dissuasória e de resposta eficaz em cenários de conflito internacional.

#### 4.1 A CONTINUIDADE DESTA PESQUISA, A EVOLUÇÃO DOUTRINÁRIA DO USO DE PORTA-AVIÕES PÓS-MALVINAS

Com vistas a dar continuidade a este trabalho e estando diretamente relacionada com as lições aprendidas com o conflito das Malvinas, pode-se propor uma pesquisa que busque analisar a evolução da doutrina de emprego de porta-aviões e o impacto desta evolução nas guerras navais posteriores à das Malvinas.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Sinara. **Maiores porta-aviões do mundo:** saiba mais. [S. l.], 30 jul. 2024. Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/comex/maiores-porta-avioes-do-mundo/#:~:text=Os%20porta%20avi%C3%B5es%20s%C3%A3o%20essenciais,de%20for%C3%A7a%20em%20territ%C3%B3rio%20inimigo>. Acesso em: 15 set. 2024.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. Tradução de Maria Teresa Ramos. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

DILDY, Douglas C.; CALCATERRA, Pablo. **Sea Harrier FRS 1 vs. Mirage III/Dagger: South Atlantic 1982**. Oxford: Osprey Publishing, 2017.

DUCA, Emilio. **Historia de la Fuerza Aérea Argentina**. Buenos Aires: DEHFAA, 2005. Disponível em: <https://www.radarmalvinas.com.ar/informes/faa2%20ct.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.

GALANTE, Alexandre. **O Poder Aéreo Argentino na Guerra das Malvinas**. [S. l.], 4 out. 2016. Disponível em: <https://www.aereo.jor.br/2016/10/04/o-poder-aereo-argentino-na-guerra-das-malvinas/> Acesso em: 1 maio 2025.

GALANTE, Alexandre. **Desativação do NAe ‘São Paulo’**. [S. l.], 14 fev. 2017. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2017/02/14/desativacao-do-nae-sao-paulo/>. Acesso em: 15 set. 2024.

GALANTE, Alexandre. **Guerra das Malvinas/Falklands – 40 anos:** O porta-aviões ARA 25 de Mayo. [S. l.], 2 maio 2022. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2022/05/02/guerra-das-malvinas-falklands-40-anos-o-porta-avioes-ara-25-de-mayo/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

GALANTE, Alexandre. **Guerra das Malvinas/Falklands – 40 anos:** A Armada Argentina. [S. l.], 21 abr. 2022. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2022/04/21/guerra-das-malvinas-falklands-40-anos-a-armada-argentina/#:~:text=A%20for%C3%A7a%20naval%20argentina%20dispunha,e%20dois%20submarinos%20TR%2D1700>. Acesso em: 1 maio 2025.

GALANTE, Alexandre. **Há 42 anos, o cruzador ARA General Belgrano era afundado pelo submarino nuclear HMS Conqueror**. [S. l.], 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2024/05/02/ha-42-anos-o-cruzador-ara-general-belgrano-era-afundado-pelo-submarino-nuclear-hms-conqueror/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

GALANTE, Alexandre. **Os Teóricos do Poder Aéreo:** Giulio Douhet (1869-1930). [S. l.], 7 dez. 2010. Disponível em: <https://www.aereo.jor.br/2010/12/07/os-teoricos-do-poder-aereo-giulio-douhet-1869-1930/>. Acesso em: 15 set. 2024.

HARISMENDY, Iban. **O PORTA-AVIÕES NO SÉCULO XXI: Como as novas capacidades Anti-Acesso e de Negação de Área (A2/AD) podem influenciar as funções e as características futuras dos porta-aviões.** Orientador: CF PACE. 2014. Monografia (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.) - Escola de Guerra Naval, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/007CEMOS%2014%20MOMO%20%28FRA%29%20CC%20IBAN%20HARISMENDY.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

HUBER, Jeffrey L. **The Falklands Air War: Lessons Revisited.** Newport, R.I.: Naval War College, 1995. 21 f. Trabalho acadêmico (paper) — Department of Joint Maritime Operations, Naval War College.

KEE, Randy. **Brig Gen Billy Mitchell's Continuing Legacy to USAF Doctrine.** The influence of air power on the ability of one nation to impress its will on another in armed contest will be decisive. , [s. l.], 8 jul. 1999. Disponível em: <https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/ASPJ/journals/Chronicles/kee1.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

KIRSCH, Deise Becker; LEMES, Luciene Rose. **Metodologia do trabalho científico.** Academia da Força Aérea, Divisão de Ensino. Atualizado em abril de 2020. Diagramação: 1T Fernanda Santiago, 2019.

LIMA, Renan. **Guerra das Malvinas: a disputa entre Argentina e Reino Unido.** [S. l.], 2 out. 2019. Disponível em: [https://www.politize.com.br/guerra-das-malvinas/?https://www.politize.com.br/&gad\\_source=1&gclid=Cj0KCOjw3vO3BhCqARIsAEWblcAYiyDKhtULPATft8cGjNdr\\_TeqGbg3EhotDD0kjlucC0NAx7JCn\\_UaAvVoEALw\\_wcB](https://www.politize.com.br/guerra-das-malvinas/?https://www.politize.com.br/&gad_source=1&gclid=Cj0KCOjw3vO3BhCqARIsAEWblcAYiyDKhtULPATft8cGjNdr_TeqGbg3EhotDD0kjlucC0NAx7JCn_UaAvVoEALw_wcB). Acesso em: 2 out. 2024.

MARIMÓN, Albert. **Superioridade aérea na Guerra das Falklands/Malvinas.** [S. l.], 11 dez. 2019. Disponível em: <https://velhogeneral.com.br/2019/12/11/superioridade-aerea-na-guerra-das-falklands-malvinas/#:~:text=Nas%20Falklands/Malvinas%2C%20os%20brit%2C%20nicos%20esperavam%20obter%20superioridade.subsequente%20campanha%20terrestre%20para%20recapturar%20as%20ilhas.&text=Os%20pilotos%20argentinos%20eram%20h%C3%A1beis%20e%20demonstravam,A%20nunca%20treinara%20para%20combater%20no%20mar>. Acesso em: 28 abr. 2025.

NAVAL-HISTORY.NET. Fleet Air Arm, Falklands War 1982. [S.l.]: Naval-History.net, 2013. Disponível em: <https://www.naval-history.net/F20faa.htm>. Acesso em: 6 maio 2025.

POSEY, Carl. **Guerra Aérea nas Malvinas: Grandes erros de cálculo, probabilidades desconhecidas, clima miserável, grandes distâncias e adversários improváveis.** [S. l.], set 2002. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/air-space-magazine/air-war-in-the-falklands-32214512/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

REIS, Luiz. Um pequeno gigante contra a frota: o FMA IA-58 Pucará em ação nas Malvinas e sua história. Poder Aéreo, 15 dez. 2024. Disponível em: <https://www.aereo.jor.br/2024/12/15/um-pequeno-gigante-contr-a-frota-o-fma-ia-58-pucara-em-ac>

[ao-nas-malvinas-e-sua-historia](#). Acesso em: 6 maio 2025.

SÁNCHEZ, Javier. **Malvinas: La batalla aeronaval**. Revista Naval, 19 jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistanaval.com/noticia/malvinas-30-anos-despues-5/>. Acesso em: 6 maio 2025.

TILL, Geoffrey. *Seapower: A Guide for the Twenty-First Century*. 4. ed. Londres: Routledge, 2018.

TZU, Sun. **A arte da guerra**: os treze capítulos originais. São Paulo: Jardim dos Livros, 2013. 131 p. ISBN 9788560018079.

UNITED STATES. Department of the Air Force. **Air Force Doctrine Publication 3-01: Counterair Operations**. 15 jun. 2023. Disponível em: <https://www.doctrine.af.mil>. Acesso em: 6 maio 2025.

VEGO, Milan. *Naval Strategy and Operations in Narrow Seas*. 2. ed. Londres: Routledge, 2009.

VINHOLES, Thiago. **O massacre do Harrier na Guerra das Malvinas**. [S. l.], 22 abr. 2022. Disponível em: <https://www.airway.com.br/o-massacre-do-harrier-na-guerra-das-malvinas/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

VULCAN TO THE SKY TRUST. **Falklands War 1982: The Effects of Operation Black Buck**. [S.l.]: Vulcan to the Sky Trust, [2022]. Disponível em: <https://vulcantothesky.org/articles/falklands-war-1982-the-effects-of-operation-black-buck/> . Acesso em: 6 maio 2025.

WARD, Sharkey. **Sea Harrier Over The Falklands: A Maverick at War**. [S. l.]: Naval Institute Press, 1992. 299 p. ISBN 1557507562, 9781557507563.